

Imaginários tecnocientíficos

volume



2024

organizadores

Juliana Michelli S. Oliveira
Rogério de Almeida
Jean-François Chassay

© 2024 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
figura

UQAM

FEUSP

IMAGENS VARIAS TRAVES CIVILIZAC OES

VOLUME III

organizadores

Juliana Michelli S. Oliveira

Rogério de Almeida

Jean-François Chassay

FEUSP, São Paulo, 2024

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Filipe Araújo, Universidade do Minho, Portugal
Alessandra Carbonero Lima, USP, Brasil
Ana Guedes Ferreira, Universidade do Porto, Portugal
Ana Mae Barbosa, USP, Brasil
Anderson Zalewski Vargas, UFRGS, Brasil
Antonio Joaquim Severino, USP, Brasil
Aquiles Yañez, Universidad del Maule, Chile
Artur Manuel Sarmento Manso, Universidade do Minho, Portugal
Belmiro Pereira, Universidade do Porto, Portugal
Breno Battistin Sebastiani, USP, Brasil
Carlos Bernardo Skliar, FLASCO Buenos Aires, Argentina
Cláudia Sperb, Atelier Caminho das Serpentes, Morro Reuter/RS, Brasil
Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, UFABC, Brasil
Daniele Loro, Università degli Studi di Verona, Itália
Elaine Sartorelli, USP, Brasil
Danielle Perin Rocha Pitta, Associação Ylê Seti do Imaginário, Brasil
Edesmin Wilfrido P. Palacios, Un. Politecnica Salesiana, Ecuador
Gabriele Cornelli, Universidade de Brasília, Brasil
Gerardo Ramirez Vidal, Universidad Nacional Autónoma de México
Jorge Larossa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha
Ikunori Sumida, Universidade de Kyoto, Japão
Ionel Buse, C. E. Mircea Eliade, Universidade de Craiova, Romênia
Isabella Tardin Cardoso, UNICAMP, Brasil
Jean-Jacques Wunenburger, Université Jean Moulin de Lyon III, França
João de Jesus Paes Loureiro, UFPA, Belém, Brasil
João Francisco Duarte Junior, UNICAMP, Campinas/SP, Brasil
Linda Napolitano, Università degli Studi di Verona, Itália
Luiz Jean Lauand, USP, Brasil
Marcos Antonio Lorieri, UNINOVE, Brasil
Marcos Ferreira-Santos, USP, Brasil
Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, USP, Brasil
Marian Cao, Universidad Complutense de Madrid, España
Mario Miranda, USP, Brasil
Marta Isabel de Oliveira Várzeas, Universidade do Porto, Portugal
Patrícia P. Morales, Universidad Pedagógica Nacional, Ecuador
Pilar Peres Camarero, Universidad Autónoma de Madrid, España
Rainer Guggenberger, UFRJ, Brasil
Regina Machado, USP, Brasil
Roberto Bolzani Júnior, USP, Brasil
Rogério de Almeida, USP, Brasil
Soraia Chung Saura, USP, Brasil
Walter Kohan, UERJ, Brasil

© 2024 by Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Coordenação editorial: Juliana Michelli S. Oliveira, Rogério de Almeida e Jean-François Chassay

Capa e projeto gráfico: Carol Ohashi

Editoração: Carol Ohashi e Juliana Michelli S. Oliveira

A revisão dos textos é de responsabilidade dos autores.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Common* indicada.

Catálogo na Publicação
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

131 Imaginários tecnocientíficos. / Juliana Michelli S. Oliveira; Rogério de Almeida; Jean-François Chassay (organizadores). São Paulo: FEUSP, 2024.
332 p.

ISBN: 978-65-87047-80-5 (E-book)

DOI: 10.11606/9786587047805

1. Imaginário. 2. Ciências. 3. Educação. 4. Tecnologia. 5. Filosofia da educação.
6. Filosofia. I. Oliveira, Juliana Michelli S. (org.). II. Almeida, Rogério de (org.).
III. Chassay, Jean-François (org.). IV. Título.

CDD 22^o ed. 37.01

Ficha elaborada por: José Aguinaldo da Silva CRB8^o: 7532

Obs.: Citações e referências não estão padronizadas
por opção dos organizadores.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Faculdade de Educação

Diretora: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto

Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Direitos desta edição reservados à FEUSP

Avenida da Universidade, 308

Cidade Universitária – Butantã

05508-040 – São Paulo – Brasil

(11) 3091-2360

E-mail: spdf@usp.br

<http://www4.fe.usp.br/>

Sumário

Introdução

Diálogos entre imaginário, ficção, ciência e técnica

Juliana Michelli S. Oliveira e Jean-François Chassay

Horizontes imaginados: trânsitos entre a ciência e a ficção

17 Un savant et sa formule

Jean-François Chassay

33 Le cliquetis obsédant de la technoscience expliquée dans *Chernobyl* de Craig Mazin

Elaine Després

55 Renverser le regard : l'expérience de la théâtralité avec Claude Bernard

Pierre-Olivier Gaumont

71 Inteligências artificiais sonham com universos paralelos? O imaginário das máquinas, da ficção científica aos modelos da inteligência artificial generativa

Fabio Fernandes da Silva

87 La fiction, boussole de la science? L'imaginaire du Novacène chez James Lovelock

Juliana Michelli S. Oliveira

Horizontes paralelos: representações na ficção científica

111 Analogia e metáfora como ferramentas de compreensão do mundo na ficção científica

André Cáceres

133 Um outro mundo presente: o dilema heterotópico em *O homem do castelo alto* de Philip K. Dick

Marcos N. Beccari

152 Inteligência Artificial, imaginário, conexões íntimas: um filme e duas ou três considerações

Rogério de Almeida

166 Filhos do Pai: a maquinação patriarcal e o imaginário do filho artificial

Sabrina da Paixão Brésio

Horizontes disruptivos: tecnologias e seus impactos culturais e sociais

- 201** **Natural e artificial: astúcias da inteligência em tempos tecnológicos**
Juremir Machado da Silva
- 215** **Reimaginar a fabricação digital como arte aditivista**
Fabio Oliveira Nunes e Soraya Braz
- 235** **A obra da máquina na era da reprodutibilidade artística**
Antônio Frederico Lasalvia, Filipa Frois Almeida e Hugo Reis
- 256** **Pierre Sansot: poéticas, imaginários urbanos e a paisagem tecnológica cotidiana**
Artur Rozestraten
- 272** **Welcome to Superearth! Uma alegoria da tecnoutopia urbana**
José Guilherme Manasse Teixeira Leite
- 293** **Réflexions critiques sur le blocage cognitif en sciences humaines et sociales**
David Sierra G.
- 330** **Sumário do volume 1**
- 331** **Sumário do volume 2**
- 332** **Sumário do volume 3**

**Ciência sem poética, inteligência pura sem
compreensão simbólica dos fins humanos,
conhecimento objetivo sem expressão do sujeito
humano, objeto sem felicidade apropriadora
é apenas alienação do homem.**

Gaston Bachelard

Diálogos entre imaginário, ficção, ciência e técnica

Juliana Michelli S. Oliveira¹

Jean-François Chassay²

As inovações tecnológicas contemporâneas têm tornado cada vez mais tênue a fronteira entre ficção e ciência, aproximando esses campos de maneira inédita. Parece distante o tempo em que Charles Percy Snow lamentava o abismo crescente que separava as “duas culturas” — de um lado, as ciências; de outro, as humanidades. Essa mudança ocorre porque cientistas têm transformado invenções outrora restritas aos livros e às telas em realidade, enquanto autores de ficção ampliam o imaginário tecnológico, reavaliando e criticando dispositivos técnico-científicos ao descreverem seus impactos nas esferas social e individual. Além disso, escritores e artistas têm explorado plenamente os recursos da tecnologia digital para criar novos objetos textuais, muitas vezes mesclando textos e imagens. Paralelamente, um setor emergente no campo da arte contemporânea, em desenvolvimento há cerca de duas décadas, utiliza as biotecnologias como meio de expressão criativa. Os efeitos dessas tecnologias na vida cotidiana já são evidentes. As novas interações entre humanos e inteligências artificiais estão reconfigurando as dinâmicas do trabalho, afetando até mesmo áreas antes consideradas resguardadas, como a criatividade. Por fim, as projeções para o futuro são igualmente instigantes: a ascensão de superinteligências artificiais e a eventual criação de colônias em Marte, antes temas restritos ao imaginário da ficção científica e das distopias, hoje se tornaram metas concretas para engenheiros e empresas.

1 Professora no Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

2 Professor no Departamento de Estudos Literários da Universidade do Québec em Montréal de 1991 a 2023.

É preciso, no entanto, estar consciente — e os artistas e escritores frequentemente o estão, daí sua perspectiva crítica — dos possíveis perigos desse avanço tecnológico. O advento das tecnologias digitais, em particular, acompanhado pelo surgimento da figura do ciborgue e, posteriormente, do pós-humano, que é de certa forma concomitante a esse processo (e que também reflete realidades científicas nos âmbitos médico e tecnológico), fragilizou a definição tradicional da identidade humana. Ao corpo biológico do ser humano, à sua existência social, familiar e profissional, que o define, e à identidade administrativa atribuída pelas instituições, somam-se identidades virtuais, que podem ser multiplicadas. Embora o indivíduo possa controlar aquelas que inventa e escolhe divulgar nas redes sociais, variando à vontade projeções de si mesmo, perfis e pseudônimos, outras escapam completamente ao seu controle, sendo geradas por algoritmos que monitoram seus comportamentos na Web (ou simplesmente na Internet, como é comumente chamada) ou, em certos países com câmeras de reconhecimento facial, suas ações e deslocamentos no espaço social. No século XXI, a identidade moldada pelo digital obriga-nos a revisitar questões relacionadas ao controle político e econômico: atualmente, o ser humano vive em múltiplos planos ou universos virtuais, em constante interação com a vida cotidiana.

O progresso tecnocientífico tem, aos poucos, tornado mais complexos os vínculos entre o ser humano e outras formas de vida, instaurando, entre o indivíduo e suas representações em um mundo paralelo como o virtual, novos modos de exploração da realidade.

As fronteiras do nosso universo já não são as mesmas desde que as ciências permitiram o surgimento do mundo virtual, acessível por meio das telas. O desenvolvimento da Internet estabelece novas regras que não são mais (ou ao menos não exclusivamente) aquelas da sociedade concreta na qual vivemos fisicamente. A multiplicação exponencial de aplicativos demonstra claramente que hoje habitamos amplamente um mundo que não possui mais os mesmos limites concretos e materiais que existiam há pouco tempo. Essa dimensão da realidade tecnológica, que nos conecta cada vez mais em redes, somada às crescentes possibilidades oferecidas, em especial, pelas nanotecnologias, produz uma extraordinária capacidade de nos fazer sonhar algo inimaginável há poucas décadas. A rapidez com que ciência e tecnologia evoluem provoca, sem dúvida, grande entusiasmo e fascínio. Contudo, esse sonho, quando ancorado na dimensão imaginária das ciências — algo que sempre existiu, mas nunca com tal intensidade —,

pode transformar-se em pesadelo quando, no plano social, manifesta-se como uma ferramenta de controle social.

Tais transformações conferem uma nova amplitude às reflexões propostas por Michel Foucault sobre a biopolítica, pois outras formas de controle passam agora a se aplicar ao humano digitalizado, assim como à sua entidade física. A ciência pode tanto nos libertar como nos aprisionar, e a tensão entre esses dois aspectos constitui um extraordinário ponto de partida para a criação.

Diante dos desafios impostos por tais transformações tecnológicas, este volume busca explorar as contribuições mútuas entre a ciência e a ficção, com foco especial na literatura. Os textos apresentados completam a trilogia da coleção *Imaginários Tecnocientíficos*, dedicada a investigar as imagens que ciência e técnica atribuem a seus objetos de estudo, refletindo sobre as características que as aproximam — ou diferenciam — do imaginário de outros campos, como a literatura e as artes. Com textos de pesquisadores do Brasil e do Canadá, oriundos de estudos relacionados a literatura, educação, artes, design e comunicação, esta obra estrutura-se em quinze capítulos distribuídos em três seções: *Horizontes Imaginados*, explora a complexa relação entre ciência e ficção, examinando como os dois campos se influenciam mutuamente; *Horizontes Paralelos*, com foco na representação na ficção científica; e *Horizontes Disruptivos*, que reflete sobre os impactos culturais e sociais das tecnologias atuais.

A seção *Horizontes imaginados* inicia-se com o texto de Jean-François Chassay, “Un savant et sa formule”, que propõe uma análise do romance *Oncle Petros et la conjecture de Goldbach* [Tio Petros e a conjectura de Goldbach], de Apostolos Doxiadis, destacando a fascinação que o imaginário dos números exerce sobre os escritores e a dinâmica inerente à matemática e, em segundo plano, a iconografia própria da instituição científica. Assim, o objetivo do artigo é analisar as figuras, as imagens e os discursos vinculados à ciência, especialmente à matemática, e compreender como essas imagens da ciência organizam o universo narrativo e, por meio dele, que visão de mundo singular elas oferecem.

Na sequência, o artigo “Le cliquetis obsédant de la technoscience expliquée dans *Chernobyl* de Craig Mazin”, de Elaine Després, explora a construção do imaginário tecnocientífico na série *Chernobyl*, discutindo a abordagem do momento da explosão e seus impactos imediatos, seguido pela abordagem das radiações e da contaminação corporal e, por fim, explora o discurso

especializado e jurídico em torno do funcionamento do reator. A análise destaca como Mazin se vale de “imagens dialéticas” para criar uma conexão entre a percepção sensorial e o entendimento, posicionando a tecnociência não apenas como um tópico, mas como uma construção visual de profundo impacto dramático e interpretativo.

Interessado na identificação de traços de teatralidade na escrita científica, o texto “Renverser le regard: l’expérience de la théâtralité avec Claude Bernard”, de Pierre-Olivier Gaumont analisa a obra *Introduction à l’étude de la médecine expérimentale*, de Claude Bernard. Examina como o fisiologista utiliza a narração, diálogos e a encenação de suas experiências para criar um “espaço outro” onde a ciência se desenvolve como uma ação dramática. O artigo ressalta a dimensão visual do raciocínio experimental e sua analogia com a teatralidade, destacando o papel do olhar na produção do conhecimento científico.

O artigo “Inteligências artificiais sonham com universos paralelos? O imaginário das máquinas, da ficção científica aos modelos da inteligência artificial generativa”, de Fabio Fernandes da Silva, explora o imaginário projetado por inteligências artificiais generativas, especialmente no contexto dos recentes avanços e do impacto de ferramentas como o ChatGPT. No artigo, interroga-se a expressão da inteligência dessas máquinas e qual seria a natureza de seus “sonhos” ou de seu imaginário. Neste estudo, mergulha-se nas reflexões de figuras-chave, de Alan Turing a John Searle e Fernandes Teixeira, e nas narrativas de ficção científica, como as de Philip K. Dick em *Androides sonham com ovelhas elétricas?* e de Isaac Asimov com *Eu, Robô*. Examina-se como os “delírios de máquina” — as chamadas “alucinações” das IAs — criam verdades paralelas e questionam a precisão dos dados fornecidos por modelos como ChatGPT³ e ⁴.

Finalizando o percurso dos horizontes imaginados, o artigo “La fiction, boussole de la science? L’imaginaire du Novacène chez James Lovelock”, de Juliana Michelli S. Oliveira, busca investigar o imaginário da obra *Novacene: The Coming Age of Hyperintelligence* (2019), que delineia um novo período que sucede o Antropoceno, caracterizado pela emergência de espécies eletrônicas com inteligências significativamente superiores às humanas. Para isso, explora a trajetória científica de Lovelock, destacando suas invenções e pesquisas em exobiologia e como essas experiências influenciam a elaboração do Novaceno. Em seguida, são discutidos os pilares teóricos que sustentam o novo período,

incluindo a hipótese Gaia, o princípio antrópico cosmológico, a cibernética, a teoria da evolução darwiniana e o Antropoceno. O artigo então trata do Novaceno como um experimento de pensamento que integra ficção e ciência. Por fim, são apresentados os aspectos distópicos e críticos da proposta de Lovelock, abordando temas como a hierarquia das inteligências e as repercussões do ideal de perfeição.

A seção “Horizontes Paralelos” tem como ponto de partida o artigo de André Cáceres, “Analogia e metáfora como instrumentos de compreensão do mundo na ficção científica”, que examina, com base nos estudos de semiologia e linguística de Umberto Eco e Tzvetan Todorov, os mecanismos de construção e negociação de significados na criação de imagens poéticas, metáforas e analogias no âmbito da ficção científica. A análise percorre um panorama histórico dessa produção literária, identificando tropos recorrentes e revelando, por meio de leituras críticas, como esses temas se conectam, por semelhança ou proximidade, a fenômenos complexos da realidade empírica. Em vez de propor chaves fixas de interpretação do imaginário da ficção científica, o texto busca evidenciar como a construção de alegorias é empregada pelos autores para expressar visões de mundo específicas. O processo de criação de metáforas em obras do próprio autor também é apresentado, oferecendo uma perspectiva autoral. Por meio dessa abordagem, o artigo mostra que a criação de paralelos constitui um meio de compreensão do mundo na literatura de ficção científica, sendo crucial para delimitar fronteiras do possível, inspirando e sendo influenciada pela investigação científica, além de fomentar a busca por aplicações da ciência que frequentemente têm origem em fases iniciais de ideação literária ou artística.

Em “Um outro mundo presente: o dilema heterotópico em *O Homem do Castelo Alto*, de Philip K. Dick”, o autor Marcos Beccari examina a obra indicada no título do artigo, propondo uma análise dos modos de imaginar o presente sob a ótica do conceito foucaultiano de “heterotopia”. Para isso, questiona a predominância futurista presente nas utopias e distopias e, com base em premissas da filosofia trágica (Nietzsche, Rosset), adota o conceito de “dilemas heterotópicos” como uma possível orientação para reinterpretação do presente. Então, passa à análise do romance em questão, destacando seus temas centrais e evidenciando os elementos por meio dos quais o presente pode ser reinterpretado e reimaginado.

No esteio das reflexões sobre as potencialidades da ficção nas reflexões sobre o presente, o artigo “Inteligência artificial, imaginário, conexões íntimas: um filme e duas ou três considerações”, de Rogério de Almeida, realiza um estudo do filme *Her [Ela]* (2013) de Spike Jonze em interseção com as inteligências artificiais (IAs) como expressão do imaginário tecnocientífico. As reflexões buscam apontar as limitações atuais das IAs e suas possibilidades futuras, as quais são imaginadas pela ficção, como a do filme estudado. Os resultados apontam para a imprevisibilidade das criações humanas na intersecção com as máquinas e os dilemas éticos e sociais que acompanham o desenvolvimento das IAs.

O artigo “Filhos do Pai: a maquinação patriarcal e o imaginário do filho artificial”, de Sabrina da Paixão Brésio examina a complexa tapeçaria imagética relacionada à figura do homem como criador de seu próprio filho, um tema que se manifesta desde mitos de criação patrilineares até representações contemporâneas, como a narrativa de Pinóquio e suas diversas reinterpretações. Por meio da utilização de técnicas e artifícios científicos, o ensaio analisa a presença de homens-artesãos-cientistas que, em sua busca por um ideal divino, se esforçam para gerar um filho por meio de suas capacidades cognitivas e habilidades manuais. A investigação direciona-se para a contemporânea projeção ectogênica, propondo uma análise crítica da intersecção entre a figura do Pai Criador e o conceito de monoparentalidade.

A seção “Horizontes disruptivos” é inaugurada com o texto “Natural e artificial: as artimanhas da inteligência na era tecnológica”, de Juremir Machado da Silva, que investiga o impacto da inteligência artificial (IA) na sociedade e na condição humana, ressaltando os medos e as expectativas relacionados ao seu avanço. O artigo examina reações diversas ao aparecimento da IA, que vão do entusiasmo por uma era de liberdade ao receio de possíveis consequências desastrosas. Menciona IA generativas como ChatGPT e as previsões de Gary Marcus sobre uma transformação inédita no mercado de trabalho. Reflete também sobre as críticas à IA, incluindo as de Yuval Noah Harari, que prevê o surgimento de uma classe “inútil” incapaz de se adequar às novas demandas laborais. Explora ainda as implicações filosóficas da IA, citando as ideias de Heidegger sobre a técnica, a perda de memória coletiva e a dependência crescente da indústria do entretenimento, abordando a possibilidade de um mundo onde o ser humano seja liberado do trabalho, mas incapaz de encontrar propósito na própria existência.

No capítulo “Reimaginando a fabricação digital como arte aditivista”, Fabio Oliveira Nunes e Soraya Braz discutem a fabricação digital como uma prática que transforma materiais diversos em objetos físicos a partir de modelos virtuais. Vista inicialmente como uma revolução produtiva, essa tecnologia parecia prometer uma era “faça-você-mesmo”, marcada pela acessibilidade e pela colaboração impulsionada pela cultura maker. No entanto, ao longo do tempo, o potencial colaborativo e de livre acesso deu lugar a interesses corporativos, reforçando um ideal empreendedor que acentua a precarização do trabalho e promove poucas mudanças estruturais. Como resposta, surge a proposta de repensar a fabricação digital sob a ótica da arte aditivista, conceito de Morehshin Allahyari e Daniel Rourke, que sugere um caminho crítico e disruptivo, especialmente na impressão 3D.

O texto “A obra da máquina na era da reprodutibilidade artística” examina a relação complexa entre arte e técnica, especialmente à luz da reprodutibilidade técnica. Explora a ideia de que a arte, tradicionalmente, é marcada pela criação de obras únicas e irreproduzíveis, enquanto a essência do processo industrial reside na reprodução em massa. Depois, debate a proposta de que a arte integra diversos graus de heteronomia empírica e intelectual, e o autor torna-se um mediador de diversos dispositivos tecnológicos. Por fim, analisa a obra *Matriz 45*, criada pelo estúdio português FAHR 021.3 em colaboração com o Grupo Navarra, que usa processos industriais para criar peças únicas e questiona a padronização inerente à produção industrial.

Em “Pierre Sansot: poéticas, imaginários urbanos e o cotidiano tecnológico”, Artur Rozestraten explora as contribuições de Pierre Sansot para o estudo dos imaginários urbanos e tecnológicos. O texto apresenta a poética urbana de Sansot, que captura as relações subjetivas e afetivas dos habitantes com a cidade. Destaca ainda a abordagem de Sansot ao “imaginário técnico ordinário”, que foca nas interações diárias das pessoas com objetos e tecnologias, expondo a importância da imaginação e da subjetividade na construção de significado.

O artigo “Welcome to Superearth! Uma alegoria da utopia tecnológica urbana”, de José Guilherme Manasse, examina as projeções idealizadas nas representações visuais do Cilindro O’Neill, em que são deixados de lado desafios importantes da sociedade global — como a disparidade social, os conflitos ideológicos e os dilemas ambientais. O estudo analisa os obstáculos práticos desses empreendimentos, explorando temas como a segregação espacial e o

agravamento das desigualdades que tais iniciativas poderiam ocasionar. O texto também se debruça sobre a conexão entre tecnologia e sociedade, observando que inovações tecnológicas, embora frequentemente promovidas como soluções salvadoras, nem sempre são planejadas ou acessíveis de maneira equitativa, o que pode acentuar divisões e perpetuar desigualdades.

Finalizamos o volume *Imaginários tecnocientíficos* com o artigo “Réflexions critiques sur le blocage cognitif en sciences humaines et sociales”, de David Sierra G., que investiga as barreiras conceituais que dificultam a formação de uma visão unificada do ser humano e de sua relação com a natureza. O autor sustenta que, embora a possibilidade de criar uma imagem integrada do mundo e do lugar da humanidade esteja cada vez mais ao nosso alcance, o dualismo fundamental do pensamento moderno — a divisão entre natureza e cultura — permanece profundamente enraizado nos sistemas de pensamento ocidentais. Isso impede que cientistas e filósofos avancem para uma autocompreensão humana mais completa, capaz de reconciliar os avanços das ciências naturais com os das ciências humanas e sociais. Baseando-se nas contribuições de Norbert Elias, o artigo examina como a autocompreensão construída nas sociedades modernas limita nossa capacidade de nos conhecermos melhor, propondo uma análise crítica das concepções que moldam a identidade humana contemporânea e suas implicações para o futuro das ciências humanas e sociais.

As ciências são, sem dúvida, dominadas pela razão. No entanto, raciocinar é pensar, projetar-se, imaginar nossa relação com o mundo. E imaginar (algo que os criadores e as criadoras fazem prioritariamente, sem que isso exclua o raciocínio, é claro) é dar sentido e ancoragem ao mundo tal como ele nos aparece, por meio de desvios que permitem apreender toda a sua estranheza e complexidade. Dessa forma, dois grandes campos do pensamento e da pesquisa convergem por meio de disciplinas que não deveriam ser colocadas em oposição.

17 *L'imagination visuelle dans l'invention scientifique: schèmes, images de pensée, diagrammes* Laurence Dahan-Gaida | A imaginação visual na invenção científica: schèmes, imagens de pensamento, diagrammas | Tradução de Juliana Michelli S. Oliveira

57 *Les imaginaires du milieu* Isabelle Krzywkowski | Os imaginários do "meio" | Tradução de Luiz Coppi

92 *Quelles images pour sortir de l'espace et du temps?* Bernard Guy | Quais imagens para sair do espaço e do tempo? | Tradução de Rogério de Almeida

151 *Imaginaires des techniques: liberté et contraintes symboliques à partir de Gilbert Durand* Jean-Jacques Wunenburger | Imaginários das técnicas: liberdade e restrições simbólicas a partir de Gilbert Durand | Tradução de Luis Matos

184 *Imaginaire techno-industriel de l'Occident* Pierre Musso | O imaginário tecnointustrial do Ocidente | Tradução de Luísa Assunção Pesché

236 *Antropologia dos imaginários das máquinas: contribuições teóricas ao estudo de imagens e vínculos entre humanos e artefatos* Marianne Chouletau et Céline Nguyen | Antropologia dos imaginários das máquinas: contribuições teóricas ao estudo de imagens e vínculos entre humanos e artefatos | Tradução de Juliana Michelli S. Oliveira

259 *Une cartographie des imaginaires pour faire émerger des éléments de culture technique* Sophie Poirot-Delpech | Elveto de valores | Tradução de David Sierra G.

305 *Le vol des valeurs* Sophie Poirot-Delpech avec Cécile Decousu | Elveto de valores | Tradução de Marianne Chouletau et Céline Nguyen

343 *Imaginando o humano a partir da máquina: entre a ontologia, a epistemologia e a ética* Daniel B. Portugal | Da mitopoiética do andrógino à utopia/distopia do mercado pós-moderno | Tradução de Juliana Michelli S. Oliveira

359 *De la mytho-poétique de l'androgyné à l'utopie/dystopie du cyborg* Lionel Buse | Por uma crítica do andrógino à utopia/distopia do mercado pós-moderno | Tradução de Juliana Michelli S. Oliveira

391 *Pour une critique du marché postmoderne des technologies* Claude Fritsz | Por uma crítica do andrógino à utopia/distopia do mercado pós-moderno | Tradução de Juliana Michelli S. Oliveira

17 **Tecnologia como ciência humana: obstáculos epistemológicos e horizontes** Artur Rozestraten

35 **Peut-on considérer la scénographie comme un art?** Luc Boucris | ¿Puede la escenografía ser considerada un arte? | Traducción de David Sierra G.

59 **O contributo de Gilbert Durand ao imaginário da ciência: em torno dos Colóquios de Córdoba (1979), Washington (1984) e Venezuela (1986)** Alberto Filipe Araújo e Joaquim Machado de Araújo

89 **A teoria dos universais no século 21** Corin Braga | Tradução de Luísa Assunção Pasché

112 **A teoria qui sous-tend l'explication de la cognition au XVIII^e siècle: une analyse historique-génétique du sujet transcendantal kantien** Florent Gaudet | La lógica subyacente a la explicación de la cognición en el siglo XVIII David Sierra G.

162 **Imaginario y experiencia de pensamiento: lo narrativo y la intuición entre la ciencia y la literatura** Florent Gaudet

181 **Estructura constitutiva y estructura significativa de la experiencia ficcional: el sentido (juicio de una forma imaginaria e inofensiva de aprender el mundo** Pablo Salvador Venegas De Luca

199 **A estranheza de Flusser** Marcos N. Beccari

222 **O imaginário da imortalidade na era tecnológica: em torno de Borges, Machado e Houellebecq** Rogério de Almeida

244 **O lugar ontológico em San Junipero: tecnologia, mito e distopia** Valéria Cristina Pereira da Silva e Givaldo Ferreira Corcinto Junior

267 **Tecnociencia transcendental: imaginários diacríticos en la ficción mexicana contemporánea** Luis Alberto Pérez-Amezcu

17	Un savant et sa formule	Jean-François Chassay
33	Le cliquetis obsédant de la technoscience expliquée dans Chernobyl de Craig Mazin	Elaine Després
55	Renverser le regard : l'expérience de la théâtralité avec Claude Bernard	Pierre-Olivier Gaumont
71	Inteligências artificiais sonham com universos paralelos? O imaginário das máquinas, da ficção científica aos modelos da inteligência artificial generativa	Fabio Fernandes da Silva
87	La fiction, boussole de la science? L'imaginaire du Novacène chez James Lovelock	Juliana Michelli S. Oliveira
111	Analogia e metáfora como ferramentas de compreensão do mundo na ficção científica	André Cáceres
133	Um outro mundo presente: o dilema heterotópico em O homem do castelo alho de Philip K. Dick	Marcos N. Beccari
152	Inteligência Artificial, imaginário, conexões íntimas: um filme e duas ou três considerações	Rogério de Almeida
166	Filhos do Pai: a maquinação patriarcal e o imaginário do filho artificial	Sabrina da Paixão Bressio
201	Natural e artificial: astúcias da inteligência em tempos tecnológicos	Juvenir Machado da Silva
215	Reimaginar a fabricação digital como arte adivivista	Fabio Oliveira
235	A obra da máquina na era da reprodutibilidade artística	Antonio Nunes e Soraya Broz
256	Pierre Sansot: poéticas, imaginários urbanos e a paisagem tecnológica urbana	Frederico Losalvia, Filipa Frois Almeida e Hugo Reis
272	Welcome to Superearth! Uma alegoria da tecnoutopia urbana	Jose Guilherme Morasse
293	Réflexions critiques sur le blocage cognitif en sciences humaines et sociales	David Sierra G.

Este livro foi composto com as famílias tipográficas GT Sectra, Futura e Neo Deco,
em novembro de 2024, São Paulo.

W A L

X R I O

S T N W O

C I B T I

L I O S

